

## O RETORNO DA ESCURIDÃO



*Calcutá, maio de 1916.*

Pouco depois da meia-noite, uma barca emergiu da neblina noturna que flutuava sobre a superfície do rio Hooghly como o cheiro fétido de uma maldição. Na proa, sob a fraca claridade projetada por um lampião agonizante pendurado no mastro, dava para adivinhar a figura de um homem enrolado numa capa remando com esforço para a margem distante. Mais adiante, a oeste, o perfil do Fort William, no meio do Maidán, erguia-se sob um manto de nuvens de cinzas à luz de um infinito sudário de faróis e fogueiras que se estendia até onde a vista alcançava. Calcutá.

O homem parou alguns segundos para recuperar o fôlego e contemplar a silhueta da estação de Jheeter's Gate, que se perdia inexoravelmente na escuridão que cobria a outra margem do rio. Quanto mais o barco mergulhava no breu, mais a estação de aço e vidro se confundia com os outros edifícios, também ancorados em esplendores esquecidos. Seus olhos vagaram por aquela selva de mausoléus de mármore escurecido por décadas de abandono e por suas paredes nuas, cuja pele

ocre, azul e dourada tinha sido arrancada pela fúria dos ventos de monção, que apagaram tudo como se fossem aquarelas desbotando na água de um tanque.

Apenas a certeza de que só lhe restavam algumas horas de vida, talvez alguns minutos, permitia que seguisse em frente, abandonando nas entranhas daquele lugar maldito a mulher a quem havia jurado proteger com sua própria vida. Naquela noite, enquanto o tenente Peake fazia sua última viagem a Calcutá a bordo daquela velha barca, cada segundo de sua vida se apagava sob a chuva que tinha chegado protegida pela madrugada.

Enquanto lutava para arrastar a embarcação até a margem, Peake podia ouvir o choro das crianças escondidas no interior do porão. O tenente olhou para trás e verificou que as luzes da outra barca piscavam a uma centena de metros atrás dele, ganhando terreno. Podia imaginar o sorriso de seu perseguidor, saboreando a caçada, implacável.

Ignorou as lágrimas de fome e frio das crianças e empregou todas as forças que lhe restavam para levar a barca até a margem do rio que morria na entrada do labirinto insondável e fantasmagórico das ruas de Calcutá. Duzentos anos foram suficientes para transformar a densa selva que crescia ao redor do Kaligath numa cidade onde Deus jamais se atreveu a entrar.

Em poucos minutos, a tempestade despencou sobre a cidade com a cólera de um espírito destruidor. De meados de abril até meados do mês de junho, a cidade era consumida pelas garras do chamado verão indiano. Durante esses dias, a cidade suportava temperaturas de quarenta graus e um nível de umidade do ar que chegava quase à saturação. Mas de repente, sob o influxo de violentas tempestades elétricas que transformavam o céu num lençol de pólvora, os termômetros podiam descer até trinta graus em questão de segundos.

O manto torrencial da chuva impedia a visão dos raquíticos cais de madeira podre que balançavam sobre o rio. Peake não diminuiu seus esforços até sentir o impacto do casco contra a madeira do cais de pescadores e só então enfiou a vara no fundo lamacento e se apressou a pegar as crianças, que jaziam enroladas numa manta. Quando pegou os bebês no colo, o choro deles cortou a noite como o rastro de sangue que guia o predador até sua presa. Peake apertou-os contra o peito e saltou em terra.

Através da espessa cortina de água que caía com fúria, dava para ver a outra barca aproximando-se lentamente da margem como uma nave funerária. Sentindo um arrepio de pânico, Peake correu pelas ruas que bordejavam o Maidán na direção sul e desapareceu nas sombras daquela parte da cidade que seus habitantes privilegiados, europeus e britânicos em sua maioria, chamavam de *cidade branca*.

Sua única esperança era salvar a vida dos bebês, mas ainda estava longe do coração da Zona Norte de Calcutá, onde ficava a casa de Aryami Bosé: no momento, a velha senhora era a única que podia ajudá-lo. Peake parou um instante e examinou a imensidão tenebrosa do Maidán em busca do brilho distante dos pequenos faróis que desenhavam um piscar-piscar de estrelas no norte da cidade. Suas ruas escuras e mascaradas pelo véu da tempestade seriam seu melhor esconderijo. O tenente apertou as crianças com força e se afastou novamente na direção leste, em busca do abrigo das sombras dos grandes edifícios palacianos do centro da cidade.

Alguns instantes depois, a barca negra que o perseguia parou junto ao cais. Três homens saltaram em terra e amarraram a embarcação. A comporta da cabine abriu lentamente e uma silhueta escura, enrolada num manto negro, percorreu a

passarela que os homens tinham instalado e começou a descer, ignorando a chuva. Uma vez no cais, estendeu a mão coberta por uma luva negra e, indicando o ponto onde Peake tinha desaparecido, esboçou um sorriso que nenhum de seus homens pôde ver sob o temporal.

\* \* \*

A estrada escura e sinuosa que atravessava o Maidán bordejando a fortaleza tinha se transformado num lamaçal sob o açoite da chuva. Peake recordava vagamente que tinha percorrido aquela parte da cidade, na época dos confrontos de rua, junto com um esquadrão do exército sedento por sangue sob as ordens do coronel Llewelyn, mas em plena luz do dia e na sela de um cavalo. Ironicamente, o destino o trouxera de volta àquela vasta extensão de campo aberto que Lord Clive mandou arrasar em 1758 para que os canhões do Fort William pudessem atirar livremente em todas as direções. Só que, dessa vez, o alvo era ele.

O tenente correu desesperadamente para o arvoredo, sentindo sobre si os olhares furtivos dos silenciosos vigilantes ocultos das sombras: os habitantes noturnos do Maidán.

Sabia que quando passasse ninguém sairia das sombras para assaltá-lo ou tentar roubar sua capa ou as crianças que choravam em seus braços. Os moradores invisíveis daquele lugar podiam sentir o cheiro da morte grudado em seus calcanhares e nenhuma alma ousaria se colocar no caminho do seu perseguidor.

Peake saltou as cercas que separavam o Maidán de Chowringhee Road e penetrou na artéria principal de Calcutá. A majestosa avenida se estendia sobre o antigo traçado do caminho que, apenas trezentos anos antes, cruzava a selva ben-

gali em direção ao sul, indo para o templo de Kali, o Kalighat, que tinha dado origem ao nome da cidade.

O habitual enxame noturno que vagava pelas noites de Calcutá tinha fugido da chuva e a cidade exibia o aspecto de um grande bazar abandonado e sujo. Peake sabia que a cortina de água que afogava a visão e servia de cobertura na noite fechada podia desaparecer tão rápido quanto tinha surgido. As tempestades vindas do oceano penetram até o delta do Ganges e se afastam rapidamente para o norte ou para o oeste depois de descarregar seu dilúvio purificador sobre a península de Bengala, deixando um rastro de névoas e ruas afundadas em grandes piscinas peçonhentas, onde as crianças brincam mergulhadas até a cintura e os carros param encalhados como barcos à deriva.

O tenente correu rumo ao extremo norte de Chowringhee Road, até sentir que os músculos de suas pernas fraquejavam e que mal conseguia sustentar o peso dos bebês nos braços. As luzes da Zona Norte piscavam nas proximidades sob o telão aveludado da chuva. Peake tinha consciência de que não ia conseguir manter aquele ritmo por muito tempo e de que a casa de Aryami Bosé ainda estava muito distante. Precisava fazer uma pausa no caminho.

Parou para recuperar o fôlego escondido embaixo da escadaria de um velho armazém de tecidos, cujas paredes estavam cheias de cartazes que anunciavam sua demolição em breve, por ordem oficial. Recordava vagamente que tinha inspecionado aquele lugar anos atrás, depois que um rico comerciante denunciou que o armazém servia de fachada para um importante fumatório de ópio.

Agora, a água suja se infiltrava entre os degraus vacilantes, lembrando o sangue negro que brota de uma ferida pro-

funda. Tudo parecia desolado e deserto. O tenente ergueu as crianças até o rosto e contemplou os olhos aturdidos dos bebês: já não choravam, mas tremiam de frio. A manta que os cobria estava ensopada. Peake apertou as mãozinhas diminutas nas suas na esperança de passar algum calor, enquanto espiava as ruas que brotavam do Maidán por entre as frestas da escada. Não lembrava quantos assassinos o seu perseguidor tinha recrutado, mas sabia que só restavam duas balas em seu revólver, duas balas que teria que administrar com toda a sabedoria que conseguisse reunir. Tinha disparado as outras nos túneis da estação. Envolveu as crianças na manta novamente, usando a ponta menos molhada do tecido e deixou-as por alguns segundos num espaço de chão seco que descobriu num vão da parede do armazém.

Peake pegou o revólver e esticou a cabeça lentamente por cima dos degraus. Ao sul, a Chowringhee Road, deserta, parecia um cenário fantasmagórico à espera do começo da representação. O tenente forçou a vista e reconheceu o rastro de luzes distantes do outro lado do rio Hooghly, mas levou um susto com o som de passos apressados sobre o calçamento de pedras afogado pela chuva e encolheu-se de novo nas sombras.

Três indivíduos brotaram da escuridão do Maidán, um obscuro reflexo do Hyde Park encravado em plena selva tropical. As lâminas de seus punhais brilharam na penumbra como línguas de prata candente. Peake pegou os bebês nos braços apressadamente e respirou fundo, consciente de que, se fugisse naquele momento, os homens cairiam em cima dele numa fração de segundos, como lobos famintos.

O tenente ficou imóvel espremido contra a parede do armazém, vigiando os perseguidores que tinham parado um instante em busca de algum indício. Os três assassinos de aluguel

trocaram algumas palavras ininteligíveis e um deles ordenou que se separassem. Peake estremeceu ao ver que o homem que tinha dado a ordem caminhava diretamente para a escada embaixo da qual ele estava escondido. Por um segundo, teve medo de que o cheiro de seu medo levasse o homem a seu esconderijo.

Seus olhos percorreram desesperadamente a superfície da parede sob a escada em busca de alguma abertura por onde pudesse escapar. Ajoelhou perto do vão onde tinha deixado as crianças segundos atrás e tentou forçar as tábuas do assoalho, meio soltas e amolecidas pela umidade. Uma das tábuas, comida pela podridão, cedeu sem dificuldade e Peake sentiu uma exalação de ar nauseabundo emanar do interior do porão do edifício em ruínas. Olhou para trás e controlou o assassino, que estava a menos de vinte metros do pé da escada, empunhando o punhal.

Envolveu as crianças em sua capa para protegê-las e arrastou-se para o interior do armazém. Uma pontada de dor logo acima do joelho paralisou bruscamente a sua perna direita. Peake apalpou o local com as mãos trêmulas e os dedos roçaram num prego enferrujado que afundava dolorosamente sua carne. Sufocando um grito de agonia, Peake segurou a ponta do metal gelado, puxou com toda a força e sentiu a pele rasgar à passagem do metal e que um sangue quente brotava entre seus dedos. Um espasmo de náusea e dor nublou sua visão durante vários segundos. Ainda ofegante, pegou as crianças de volta e levantou com dificuldade. Diante dele, abria-se um corredor fantasmagórico de estantes com vários andares de prateleiras vazias, formando uma estranha retícula que se perdia nas sombras. Sem hesitar um instante, correu até o outro extremo do armazém, cuja estrutura ferida de morte rangia sob a tempestade.

Quando Peake saiu de novo para o ar livre, depois de atravessar centenas de metros no ventre daquele edifício arruinado, descobriu que se encontrava a menos de cem metros do Tirta Bazar, um dos muitos centros comerciais da Zona Norte. Abençoou sua boa sorte e caminhou para a complexa trama de ruas estreitas e sinuosas que formava o coração daquela multicolorida área de Calcutá na direção da casa de Aryami Bosé.

Precisou de dez minutos para percorrer o caminho até o lar da última senhora da família Bosé. Aryami vivia sozinha num antigo casarão de estilo bengali, que se erguia atrás da espessa vegetação selvagem que, durante anos, tinha crescido no pátio sem intervenção da mão humana, o que lhe dava a aparência de um lugar abandonado e fechado. No entanto, nenhum morador da Zona Norte de Calcutá, uma área também conhecida como *cidade negra*, ousaria ultrapassar os limites daquele pátio e penetrar nos domínios de Aryami Bosé. Todos que a conheciam gostavam dela tanto quanto a temiam. Não havia uma única alma nas ruas do Norte da cidade que não tivesse ouvido falar dela e de seus antepassados em algum momento de sua vida. Entre as pessoas daquele lugar, sua presença podia ser comparada à de um espírito: poderosa e invisível.

Peake correu até o portão de lanças negras que dava acesso a uma trilha por dentro do pátio tomado pelo matagal e apertou o passo até a escadaria de mármore quebrado que levava à porta da casa. Segurando os dois bebês com um braço só, bateu repetidamente na porta com o punho fechado, esperando que o estrondo do temporal não abafasse o som de suas batidas.

O tenente passou vários minutos batendo na porta, com o olhar fixo nas ruas desertas às suas costas e alimentando o temor de ver os seus perseguidores aparecerem a qualquer momento. Quando a porta deslizou diante dele, Peake virou e a luz de um lampião cegou seus olhos enquanto uma voz que não ouvia havia cinco anos pronunciava baixinho o seu nome. Peake protegeu os olhos com uma mão e reconheceu o semblante impenetrável de Aryami Bosé.

A mulher sondou o seu olhar e depois olhou para as crianças. Uma sombra de dor cobriu seu rosto. Peake baixou os olhos.

— Ela morreu, Aryami — murmurou Peake. — Já estava morta quando cheguei...

Aryami fechou os olhos e respirou profundamente. Peake adivinhou que a confirmação de suas piores suspeitas penetrava na alma daquela mulher como uma gota de ácido.

— Entre — disse ela finalmente, abrindo passagem e fechando a porta às suas costas.

Assim que entrou, Peake deitou os bebês em cima de uma mesa e tirou as roupas ensopadas. Em silêncio, Aryami pegou panos secos e enrolou os dois enquanto Peake avivava o fogo para aquecê-los mais rápido.

— Estão me seguindo, Aryami — disse Peake. — Não posso ficar aqui.

— Está ferido — disse a mulher apontando para a marca que o prego do armazém tinha deixado.

— É só um arranhão superficial — mentiu Peake. — Não está doendo.

Aryami aproximou-se e estendeu a mão para acariciar o rosto suado de Peake.

— Você sempre a amou...

Peake desviou os olhos para os bebês e não respondeu.

— Poderiam ser seus filhos — disse Aryami. — E talvez tivessem tido melhor sorte.

— Preciso ir agora, Aryami — concluiu o tenente. — Se ficar aqui, não vão sossegar enquanto não me pegarem.

Os dois trocaram um olhar derrotado, conscientes do destino que esperava por Peake assim que voltasse para a rua. Aryami pegou a mão do tenente entre as suas e apertou com força.

— Nunca fui boa com você — disse. — Temia por minha filha, pela vida que podia ter junto a um oficial britânico. Estava enganada. Suponho que nunca vai me perdoar.

— Isso já não tem a menor importância — respondeu Peake. — Preciso ir. Agora, já.

No último instante, Peake aproximou-se dos bebês, que dormiam aquecidos pelo fogo. Os dois olharam para ele com curiosidade brincalhona e os olhos brilhando, sorridentes. Estavam a salvo. O tenente caminhou até a porta e suspirou profundamente. Depois daqueles poucos minutos de repouso, o peso do cansaço e da dor palpitante que sentia na perna caíram sobre ele implacavelmente. Tinha gasto suas forças até o último alento para trazer os bebês para aquele lugar e agora duvidava de sua capacidade de fazer frente ao inevitável. Lá fora, a chuva continuava a açoitar a vegetação e não havia sinal de seu perseguidor, nem de seus capangas.

— Michael... — disse Aryami às suas costas.

O jovem parou sem virar para trás.

— Ela sabia — mentiu Aryami. — Soube desde sempre e tenho certeza de que, de alguma maneira, correspondia aos seus sentimentos. Foi tudo minha culpa. Não guarde rancor.

Peake concordou em silêncio e fechou a porta atrás de si. Ficou alguns segundos parado na chuva e depois, com a alma em paz, retomou seu caminho ao encontro de seus perseguidores. Refez seus passos até chegar ao lugar de onde tinha saído do armazém abandonado e, em busca de um esconderijo onde pudesse esperar, penetrou de novo nas sombras do velho edifício.

Enquanto se aninhava na escuridão, o esgotamento e a dor que sentia misturaram-se paulatinamente numa sensação embriagadora de abandono e paz. Seus lábios desenharam um meio sorriso. Já não tinha mais nenhuma esperança, nenhum motivo para seguir vivendo.

\* \* \*

Os dedos longos e afilados da luva negra acariciaram a ponta ensanguentada do prego que despontava na madeira podre, junto à entrada do porão do armazém. Lentamente, enquanto seus homens esperavam em silêncio às suas costas, a esbelta figura, que ocultava o rosto dentro de um capuz negro, levou a ponta dos dedos aos lábios e lambeu a gota de sangue escuro e espesso, saboreando-a como se fosse uma lágrima de mel. Depois de alguns segundos, virou-se para os homens que tinha contratado horas antes por algumas moedas e a promessa de outras mais no final do trabalho e apontou para o interior do edifício. Os três capangas enfiaram-se apressadamente pelo buraco que Peake tinha aberto minutos antes. O encapuzado sorriu na escuridão.

— Estranho lugar esse que você escolheu para morrer, tenente Peake — murmurou para si mesmo.

Escondido atrás de uma pilha de caixas vazias nas entradas do porão, Peake viu as três silhuetas entrarem no edifício

e, embora não pudesse vê-lo de onde estava, tinha certeza de que o patrão deles estava esperando do outro lado da parede. Podia sentir a sua presença. Empunhou o revólver e girou o tambor até que uma das balas ficasse na agulha, amortecendo o barulho da arma sob a capa ensopada que o cobria. Não hesitava em trilhar o caminho até a morte, mas não queria percorrê-lo sozinho.

A adrenalina que corria em suas veias mitigava a dor pungente no joelho até convertê-la numa palpitação surda e distante. Surpreso com sua própria serenidade, Peake sorriu de novo e ficou imóvel em seu esconderijo. Acompanhou o avanço lento dos três homens através dos corredores das estantes nuas, até que seus carrascos pararam a uma dezena de metros. Um dos homens levantou a mão e apontou algumas marcas no chão. Peake levantou a arma na altura do peito, apontando para eles e tensionou o gatilho.

Mais um sinal e os três homens se separaram. Dois deles rodearam devagar o caminho que conduzia à pilha de caixas e o terceiro caminhou em linha reta para Peake. O tenente contou mentalmente até cinco e, de repente, empurrou a coluna de caixas sobre o atacante. As caixas desmoronaram em cima do perseguidor e Peake correu para a abertura pela qual tinham entrado.

Um dos assassinos de aluguel topou com ele numa interseção do corredor, segurando a lâmina do punhal a um palmo de seu rosto. Antes que o criminoso pudesse sorrir vitorioso, Peake enfiou o cano do revólver embaixo de seu queixo.

— Solte a faca — cuspiu o tenente.

O homem examinou os olhos glaciais do tenente e fez o que ele ordenava, Peake agarrou-o brutalmente pelo cabelo e, sem tirar a arma do seu pescoço, virou na direção de seus cúm-

plices, usando o corpo do refém como escudo. Os outros dois bandidos foram se aproximando lentamente, à espreita.

— Poderia nos poupar essa cena, tenente, e entregar de uma vez o que procuramos — murmurou uma voz familiar às suas costas. — Lembre-se de que esses homens são pais de família honrados.

Peake olhou para o encapuzado que sorria ironicamente a poucos metros dele, na penumbra. Num tempo que não estava tão distante, olhara para aquele rosto como se olha para um amigo. Agora só reconhecia nele a face de seu assassino.

— Vou arrebentar a cabeça desse sujeito, Jawahal — gemeu Peake.

O refém fechou os olhos, tremendo.

O encapuzado cruzou as mãos pacientemente e emitiu um leve suspiro de tédio.

— Faça o que mais lhe agradar, tenente — devolveu Jawahal —, mas lembre-se de que nada disso vai tirá-lo daqui.

— Estou falando sério — replicou Peake afundando a ponta do cano do revólver embaixo do queixo do capanga.

— Claro, tenente — disse Jawahal em tom conciliador. — Dispare se tem coragem suficiente para matar um homem a sangue-frio e sem a permissão de Sua Majestade. Do contrário, largue essa arma e poderemos chegar a um acordo proveitoso para ambas as partes.

Os dois assassinos armados tinham parado e permaneciam imóveis, dispostos a pular em cima dele ao primeiro sinal do encapuzado. Peake sorriu.

— Muito bem — disse finalmente. — O que acha desse acordo?

Peake empurrou o refém para o chão e virou com o revólver apontado para o encapuzado. O eco do primeiro tiro per-

correu o porão. A mão enluvada do encapuzado emergiu da nuvem de pólvora com a palma estendida. Peake teve a impressão de ver o projétil achatado brilhar na penumbra e derreter lentamente num fio de metal líquido que escorria entre os dedos afilados como se fosse um punhado de areia.

— Péssima pontaria, tenente — disse o encapuzado. — Tente novamente, mais de perto dessa vez.

Sem lhe dar tempo de mover um músculo, o encapuzado agarrou a mão armada de Peake e colocou a ponta da pistola em seu próprio rosto, entre os olhos.

— Não foi assim que lhe ensinaram na academia? — sussurrou.

— Houve um tempo em que fomos amigos — disse Peake.

Jawahal sorriu com desprezo.

— Pois esse tempo já passou, tenente — respondeu o encapuzado.

— Que Deus me perdoe — gemeu Peake, apertando o gatilho novamente.

Num instante que pareceu eterno, Peake ficou olhando a bala perfurar o crânio de Jawahal, arrancando o capuz de sua cabeça. Durante alguns segundos, a luz atravessou a ferida no meio daquele rosto congelado e sorridente. Em seguida, o orifício fumegante aberto pelo projétil foi se fechando lentamente sobre si mesmo e Peake sentiu o revólver deslizar entre seus dedos.

Os olhos acesos de seu oponente penetraram nos seus e uma língua longa e negra despontou entre seus lábios.

— Ainda não entendeu, não é verdade, tenente? Onde estão as crianças?

Não era uma pergunta, era uma ordem.

Mudo de terror, Peake negou com a cabeça.

— Como quiser.

Jawahal espremeu sua mão e Peake sentiu os ossos de seus dedos estalarem sob a pele. Uma pontada lancinante de dor fez com que caísse de joelhos no chão, sem fôlego.

— Onde estão as crianças? — repetiu Jawahal.

Peake tentou articular algumas palavras, mas o fogo que queimava a massa ensanguentada que alguns segundos atrás era a sua mão o impedia de falar.

— Queria dizer alguma coisa, tenente? — murmurou Jawahal, ajoelhando-se diante dele.

Peake fez que sim.

— Muito bem, muito bem — sorriu o inimigo. — Para ser franco, seu sofrimento não me diverte. Ajude-me a pôr um fim nisso.

— As crianças morreram — gemeu Peake.

O tenente percebeu a careta de desgosto que se desenhava no rosto de Jawahal.

— Não, não. Estava indo tão bem, tenente. Não estrague tudo agora.

— Morreram — repetiu Peake.

Jawahal deu de ombros e concordou lentamente.

— Está bem — concedeu. — Você não me deixa outra alternativa. Mas antes de sua partida, permita que lembre que, quando a vida de Kylian estava em suas mãos, você foi incapaz de fazer qualquer coisa para salvá-la. Homens como você foram a causa de sua morte. Mas os dias desse tipo de homem chegaram ao fim. Você é o último. O futuro é meu.

Peake ergueu um olhar suplicante para Jawahal e, lentamente, notou que as pupilas de seus olhos se encolhiam numa fenda estreita sobre duas esferas douradas. O homem sorriu e

com infinita delicadeza começou a tirar a luva que cobria sua mão direita.

— Lamentavelmente, você não viverá o suficiente para ver — acrescentou Jawahal. — Mas não pense nem por um segundo que seu ato de heroísmo serviu para alguma coisa. Não passa de um imbecil, tenente Peake. Essa foi a impressão que sempre me passou e agora, na hora de morrer, você só faz confirmá-la. Espero que exista um inferno para os imbecis, Peake, porque é para lá que vou mandar você.

Peake fechou os olhos e ouviu o crepitar do fogo a alguns centímetros de seu rosto. Em seguida, depois de um instante interminável, sentiu que uns dedos ardentes apertavam sua garganta e roubavam seu último alento de vida, enquanto, ao longe, ouvia o som daquele maldito trem e as vozes espectrais de centenas de crianças gritando nas chamas. Depois, a escuridão.

\* \* \*

Aryami Bosé percorreu toda a casa apagando uma a uma as velas que iluminavam seu santuário. Deixou apenas a tímida luz do fogo, que projetava lampejos fugazes de luz sobre as paredes nuas. As crianças dormiam ao calor das brasas e apenas o crepitar dos galhos no fogo e o tique-taque da chuva nas janelas fechadas rompiam o silêncio sepulcral que reinava na casa. Lágrimas silenciosas deslizaram por seu rosto e caíram sobre a túnica dourada, enquanto com mãos trêmulas Aryami pegava o retrato de sua filha Kylian entre os objetos que guardava como um tesouro num pequeno cofre de bronze e marfim.

Um velho fotógrafo itinerante vindo de Mumbai tinha tirado o retrato um tempo antes do casamento, sem aceitar

qualquer pagamento pelo trabalho. A imagem mostrava Kylian tal e qual Aryami recordava, envolta por uma estranha luminosidade que parecia emanar dela e que fascinava todos que a conheciam, assim como tinha encantado o olho esperto do retratista, que lhe deu o título que todos usavam ao falar dela: princesa de luz.

É claro que Kylian nunca foi uma verdadeira princesa, nem teve outro reino que não fossem as ruas que a viram crescer. No dia em que Kylian deixou a residência dos Bosé para viver com o marido, foi com lágrimas nos olhos que os habitantes do Machuabazaar se despediram quando a viram passar na carruagem branca que roubava para sempre a princesa da *cidade negra*. Ainda era uma menina quando o destino a levou e nunca mais voltou.

Aryami se sentou diante do fogo, perto dos bebês, e apertou a velha fotografia contra o peito. O temporal rugiu novamente e Aryami recuperou a força de sua ira para decidir o que faria agora. O perseguidor do tenente Peake não se contentaria em acabar com ele. A coragem do jovem lhe dera alguns minutos precisos que não podia desperdiçar por motivo algum, nem mesmo para chorar a memória de sua filha. A experiência já tinha lhe ensinado que o futuro ofereceria mais tempo do que desejava para lamentar os erros cometidos no passado.

\* \* \*

Botou a fotografia de volta no cofre e pegou o medalhão que tinha mandado fazer para Kylian anos atrás, uma joia que nunca chegou a brilhar. O medalhão era composto por dois círculos de ouro, um sol e uma lua, que encaixavam um no outro formando uma única peça. Pressionando-se o centro do me-

dalhão, as duas partes se separavam. Aryami pegou as duas metades, enfiou-as em grossas correntes de ouro e colocou-as no pescoço de cada um dos bebês.

Enquanto fazia isso, a velha senhora pensava nas decisões que deveria tomar. Só um caminho apontava para sua sobrevivência: precisava separá-los, afastar um do outro, apagar seu passado e ocultar sua identidade do mundo e deles mesmos, por mais doloroso que fosse. Não era possível mantê-los juntos sem se delatar, mais cedo ou mais tarde. Aquele era um risco que não podia correr por preço algum. E mais: tinha que resolver aquele dilema antes do amanhecer.

Aryami pegou os dois bebês nos braços e beijou suas testas suavemente. As mãozinhas diminutas acariciaram seu rosto e os dedinhos tocaram as lágrimas que cobriam sua face. Os olhares risonhos dos dois a fitavam sem entender. Apertou-os de novo nos braços e colocou-os de volta no pequeno berço que tinha improvisado para eles.

Assim que largou os dois, pegou um lampião, papel e caneta. O futuro de seus netos estava em suas mãos. Respirou profundamente e começou a escrever. Ao longe, podia ouvir que a chuva diminuía e os sons da tempestade se afastavam para o norte, estendendo sobre Calcutá um manto infinito de estrelas.

\* \* \*

Thomas Carter achava que, quando completasse 50 anos, a cidade de Calcutá, onde tinha vivido os últimos trinta e três anos, já não reservaria nenhuma surpresa para ele.

Ao amanhecer daquele dia de maio de 1916, depois de um dos temporais mais violentos que recordava fora da época das monções, a surpresa chegou às portas do orfanato St. Patrick's em forma de cesto com um bebê e uma carta lacrada dirigida à sua exclusiva atenção pessoal.

A surpresa foi dupla. Em primeiro lugar, ninguém em Calcutá se preocupa em abandonar uma criança nas portas de um orfanato: existem vielas, lixeiras e poços por toda parte, que permitem fazer isso com maior comodidade. E em segundo lugar, ninguém escreve cartas de apresentação como aquela, assinada e sem deixar margens para dúvidas a respeito de sua assinatura.

Carter examinou as lentes dos óculos na contraluz e soprou nos vidros para que o hálito facilitasse a limpeza com um lenço de algodão cru e envelhecido que usava para esse fim pelo menos vinte e cinco vezes por dia, trinta e cinco durante os meses do verão indiano.

O menino descansava no andar de baixo, no dormitório de Vendela, a enfermeira-chefe, sob sua atenta vigilância, depois de ter sido examinado pelo dr. Woodward, que foi arrancado de seu sono pouco antes do amanhecer e que não recebeu, além de um apelo a seus deveres hipocráticos, nenhuma outra explicação.

O bebê estava essencialmente saudável. Havia alguns sinais de desidratação, mas não parecia afetado por nenhuma das febres do amplo catálogo que costumava ceifar as vidas de milhares de criaturinhas como aquela, negando-lhe o direito de chegar à idade necessária para aprender a pronunciar o nome da própria mãe. Tudo que encontraram com ele foi um medalhão de ouro em forma de sol, que Carter tinha na mão, e aquela carta. Uma carta que, caso aceitasse que era verdadei-

ra — e era difícil encontrar outra alternativa —, o deixava numa situação bastante arriscada.

Carter trancou o medalhão à chave na gaveta superior de sua escrivaninha e pegou de novo a carta, que releu pela décima vez:

*Caro Mr. Carter,*

*Vejo-me obrigada a pedir sua ajuda nas mais penosas circunstâncias, apelando para a amizade que sei que o uniu a meu falecido marido durante mais de dez anos. Nesse período, meu marido nunca poupou elogios à sua honestidade e à extraordinária confiança que o senhor sempre lhe inspirou. Por isso, imploro agora que atenda à minha súplica, por mais estranha que possa parecer, com a maior urgência e, na medida do possível, com o maior dos segredos.*

*O menino que sou obrigada a entregar-lhe perdeu seus pais nas mãos de um assassino que jurou matar os dois e acabar igualmente com toda a sua descendência. Não posso, nem creio que seja oportuno revelar os motivos que o levaram a cometer tal ato. Basta dizer que o aparecimento dessa criança deve ser mantido em segredo. O senhor não poderá dar parte disso sob nenhum pretexto à polícia ou às autoridades britânicas, pois o assassino dispõe de conexões em ambas as instituições, que não demorariam a levá-lo ao menino.*

*Por motivos óbvios, não posso mantê-lo comigo sem que fique exposto ao mesmo destino que pôs fim à vida de seus pais. Por isso, volto a implorar que cuide dele, dando-lhe um nome e educando-o dentro dos retos princípios de sua instituição para que, no dia de amanhã, ele possa ser uma pessoa tão honrada e honesta quanto foram os seus pais.*

*Estou consciente de que o menino nunca poderá conhecer seu passado, mas é de vital importância que seja assim.*

*Não disponho de muito tempo para fornecer mais detalhes e sinto-me na obrigação de recordar a amizade e a confiança que existia entre o senhor e meu marido para justificar esse pedido.*

*Peço que ao terminar a leitura desta carta, trate de destruí-la, assim como qualquer sinal que possa delatar o encontro dessa criança. Sinto não poder fazer esse pedido em pessoa, mas a gravidade da situação me impede.*

*Na confiança de que saberá tomar a decisão adequada, receba minha eterna gratidão.*

ARYAMI BOSÉ

Uma batida na porta o arrancou da leitura. Carter tirou os óculos, dobrou cuidadosamente a carta e enfiou na gaveta da escrivaninha, que trancou à chave.

— Entre — respondeu.

Vendela, a enfermeira-chefe do St. Patrick's, surgiu na porta com seu eterno semblante tristonho e prestativo. Seu olhar não inspirava boas-novas.

— Tem um cavalheiro que deseja vê-lo — disse simplesmente.

Carter franziu as sobrancelhas.

— De que se trata?

— Não quis dar mais detalhes — respondeu a enfermeira, mas sua expressão parecia insinuar claramente que seu instinto tinha farejado que tais detalhes, se houvesse, pareciam vagamente suspeitos.

Depois de uma pausa, Vendela entrou na sala e fechou a porta atrás de si.

— Acho que se trata da história do menino — disse a enfermeira com certa preocupação. — Não lhe disse nada.

— Falou com mais alguém? — perguntou Carter.

Vendela negou com a cabeça. Carter fez que sim e guardou a chave da escrivaninha no bolso da calça.

— Posso dizer que o senhor não está no momento — sugeriu Vendela.

Carter considerou a opção por um instante e concluiu que, se as suspeitas de Vendela apontavam na direção certa (e costumavam apontar), aquilo só serviria para reforçar a ideia de que o St. Patrick's tinha algo a esconder. A decisão veio imediatamente.

— Não. Vou recebê-lo, Vendela. Mande entrar, mas garanta que ninguém do pessoal fale com ele. Disciplina absoluta sobre esse assunto, certo?

— Entendi.

Carter ficou ouvindo os passos de Vendela se afastarem pelo corredor enquanto limpava as lentes dos óculos novamente e constatava que a chuva tinha recomeçado a bater nos vidros de sua janela com impertinência.

\* \* \*

O homem vestia uma longa capa negra e sua cabeça estava coberta por um turbante sobre o qual se via um medalhão escuro que imitava a silhueta de uma serpente. Seus movimentos estudados lembravam os de um próspero comerciante do norte de Calcutá e seus traços pareciam vagamente hindus, embora a pele refletisse uma palidez enfermiza, a pele de alguém que nunca via os raios do sol. A mestiçagem de raças original das ruas de Calcutá misturava bengalis, armênios, judeus, anglo-saxões, chineses, muçulmanos e inúmeros outros grupos que chegavam ao campo de Kali em busca de fortuna

ou refúgio. Aquele rosto podia pertencer a qualquer uma dessas etnias e a nenhuma delas.

Enquanto servia duas xícaras de chá na bandeja trazida por Vendela, Carter sentiu os olhos penetrantes em suas costas, inspecionando-o cuidadosamente.

— Sente-se, por favor — indicou Carter ao desconhecido amavelmente. — Açúcar?

— Igual ao seu, por favor.

A voz do desconhecido não tinha sotaque nem expressão alguma. Carter engoliu em seco, colocou um sorriso cordial nos lábios e virou, entregando a xícara de chá ao sujeito. Dedos cobertos por uma luva negra, longos e afilados como garras, fecharam-se sobre a porcelana fervente sem vacilar. Carter sentou na poltrona e mexeu o açúcar de sua própria xícara.

— Sinto incomodá-lo neste momento, sr. Carter. Imagino que deve ter muito que fazer e, portanto, serei breve — afirmou o homem.

Carter concordou educadamente.

— Qual é então o motivo de sua visita, senhor...? — começou Carter.

— Meu nome é Jawahal, Mr. Carter — explicou o desconhecido. — Serei muito franco. Talvez minha pergunta pareça estranha, mas por acaso encontraram um menino, um bebê de apenas alguns dias, ontem à noite ou durante o dia de hoje?

Carter franziu as sobrancelhas e exibiu sua melhor cara de surpresa: nada óbvio demais, nem sutil demais.

— Um menino? Acho que não entendi.

O homem que dizia se chamar Jawahal sorriu amplamente.

— Vou explicar, só não sei por onde começar. É bem verdade que se trata de uma história um tanto embaraçosa. Confio em sua discrição, sr. Carter.

— Pode contar com ela, sr. Jawahal — devolveu Carter tomando um gole de seu chá.

O homem, que não tinha tocado no seu, relaxou e começou a esclarecer as coisas.

— Sou dono de uma importante empresa têxtil na Zona Norte da cidade — explicou. — Sou o que poderíamos denominar um homem abastado. Alguns dizem que sou rico e não posso dizer que não têm razão. Muitas famílias dependem de mim e considero uma honra tentar ajudá-las em tudo o que estiver ao meu alcance.

— Todos fazemos o que podemos, com as coisas do jeito que estão... — concordou Carter, sem afastar o olhar daqueles olhos negros e insondáveis.

— Claro — continuou o desconhecido. — O motivo que me trouxe à sua nobre instituição é um assunto penoso, que gostaria de solucionar o quanto antes. Uma semana atrás, uma moça que trabalha em uma de minhas fábricas deu à luz um menino. O pai da criatura é, ao que tudo indica, um descarado anglo-indiano que tinha lá uma história com ela e cujo paradeiro, desde que teve notícia da gravidez da moça, é desconhecido. Pelo que pude descobrir, a família da jovem é muçulmana de Déli. Gente muito rigorosa, que não sabe nada do assunto.

Carter concordou gravemente, demonstrando compaixão pela história que tinha acabado de ouvir.

— Dois dias atrás, fiquei sabendo por um de meus capatazes que a moça, num acesso de loucura, fugiu da casa onde vivia com a família com a ideia de, segundo me contaram,

vender a criança — continuou Jawahal. — Mas não deve julgá-la mal, é uma moça exemplar, mas a pressão que pesava sobre ela foi demais. Não se espante. Este país, assim como o seu, é pouco tolerante com as fraquezas humanas.

— Então o senhor acha que essa criança pode estar aqui, sr. Jahawal? — perguntou Carter, tentando retomar o fio da meada.

— Jawahal — corrigiu o visitante. — Isso veremos. Na verdade, depois que fiquei sabendo dos fatos, senti que, de certa forma, era responsável. Afinal, a moça trabalhava sob meu teto. Acompanhado por dois capatazes de confiança, percorri a cidade e verifiquei que a jovem tinha vendido a criança a um criminoso desprezível que faz tráfico de crianças para mendigar. Uma realidade tão lamentável quanto habitual nos dias que correm. Conseguimos encontrá-lo, mas, em circunstâncias que não vêm ao caso agora, ele conseguiu escapar no último momento. Isso aconteceu à noite, nas imediações do orfanato. Tenho motivos para acreditar que, com medo do que poderia acontecer, o sujeito talvez tenha abandonado a criança nas vizinhanças.

— Entendo — comentou Carter. — E já deu parte desse assunto às autoridades locais, sr. Jawahal? O tráfico de crianças tem sido duramente castigado, como deve saber.

O desconhecido cruzou as mãos e suspirou levemente.

— Pensei que poderia solucionar a questão sem necessidade de chegar a esse extremo — disse. — Francamente, se desse parte, envolveria a jovem e a criança ficaria sem pai nem mãe.

Carter avaliou cuidadosamente a história do desconhecido e balançou a cabeça lenta e repetidamente em sinal de compreensão. Não acreditava numa única vírgula de toda aquela história.

— Sinto não poder ajudá-lo, sr. Jawahal. Infelizmente, não encontramos nenhum menino, nem tivemos notícia de que algo assim tenha acontecido na nossa área — explicou Carter. — De todo modo, basta o senhor deixar seus dados, que entraremos em contato se tivermos alguma notícia. No entanto, temo que teria de informar às autoridades, caso alguma criança seja abandonada neste hospital. É a lei e não posso ignorá-la.

O homem contemplou Carter em silêncio durante alguns segundos, sem piscar. Carter sustentou o olhar sem alterar uma linha de seu sorriso, ainda que sentisse o estômago encolher e o pulso acelerar como se estivesse diante de uma serpente pronta para dar o bote. Finalmente, o desconhecido sorriu com cordialidade e apontou para a silhueta do Raj Bhawan, o edifício do governo britânico, de aparência palaciana, que se erguia à distância sob a chuva.

— Os senhores, britânicos, são admiravelmente cumpridores da lei e isso só pode honrá-los. Não foi Lord Wellesley quem decidiu mudar a sede do governo, em 1799, para esse magnífico enclave, com o objetivo de dar nova envergadura à sua lei? Ou terá sido em 1800? — perguntou Jawahal.

— Acho que não sou um bom conhecedor da história local — comentou Carter, desconcertado com o rumo extravagante que Jawahal tinha dado à conversa.

O visitante franziu as sobrancelhas em sinal de amável e pacífica desaprovação de sua declarada ignorância.

— Com apenas duzentos e cinquenta anos de vida, Calcutá é uma cidade tão desprovida de história que o mínimo que podemos fazer por ela é conhecê-la, Mr. Carter. Mas voltando ao assunto, acho que foi em 1799. Conhece a razão da mudança? O governador Wellesley disse que a Índia devia ser governada de um palácio, não de um edifício de contadores; e

com as ideias de um príncipe e não as de um comerciante de especiarias. Toda uma concepção de mundo, eu diria.

— Sem dúvida — concedeu Carter, levantando-se com a intenção de despachar o estranho visitante.

— Porém, se me permite, aplicada a um império onde a decadência é uma arte e Calcutá seu maior museu — acrescentou Jawahal.

Carter concordou de modo vago, sem saber exatamente com o quê.

— Sinto tê-lo feito perder seu tempo, Mr. Carter — concluiu Jawahal.

— De forma alguma, ao contrário — devolveu Carter. — Só lamento não ter podido ajudá-lo mais. Em casos assim, todos devemos fazer tudo que está ao nosso alcance.

— Isso mesmo — rebateu Jawahal, levantando-se também. — Mais uma vez, agradeço sua amabilidade. No entanto, gostaria de fazer mais uma pergunta.

— Responderei com muito gosto — replicou Carter, ansiando interiormente pela chegada do momento em que se veria livre daquele indivíduo.

Jawahal sorriu malicioso, como se tivesse lido seus pensamentos.

— Até que idade as crianças que são recolhidas aqui podem permanecer, Mr. Carter?

Carter não conseguiu ocultar uma expressão de estranheza diante daquela pergunta.

— Espero não ter cometido nenhuma indiscrição — apressou-se a contemporizar Jawahal. — Se tiver, por favor, ignore minha pergunta. É uma simples curiosidade.

— Em absoluto. Não é nenhum segredo. Os internos do St. Patrick's ficam sob nosso teto até o dia em que completam

16 anos. Passado esse prazo, encerra-se o período de tutela legal. Já são adultos, ou pelo menos é o que diz a lei, e estão em condições de levar sua própria vida. Como verá, esta é uma instituição privilegiada.

Jawahal ouviu atentamente e pareceu refletir sobre a questão.

— Imagino que deve ser doloroso para o senhor vê-los partir depois de cuidar deles todo esse tempo — observou Jawahal. — De certa forma, o senhor é o pai de todos esses meninos.

— Faz parte do meu trabalho — mentiu Carter.

— Claro, claro. No entanto, perdoe meu atrevimento, mas como podem saber qual é a verdadeira idade de um menino que não tem pais nem família? Um tecnicismo, suponho...

— A idade de cada um dos nossos internos em geral é a data de sua chegada ou um cálculo aproximado feito pela instituição — explicou Carter, incomodado diante da perspectiva de discutir os procedimentos do St. Patrick's com aquele desconhecido.

— Isso transforma o senhor num pequeno Deus, Mr. Carter — comentou Jawahal.

— É uma opinião que não compartilho — respondeu secamente Carter.

Jawahal saboreou o desagrado que transparecia no rosto de Carter.

— Perdoe a minha ousadia, Mr. Carter — devolveu Jawahal. — Em qualquer caso, fico feliz em tê-lo conhecido. É possível que faça uma visita no futuro e possa dar uma contribuição a sua nobre instituição. Talvez volte em dezesseis anos e, quem sabe, possa conhecer os meninos que passaram a fazer parte de sua grande família exatamente no dia de hoje...

— Será um prazer recebê-lo então, se assim o desejar — disse Carter, acompanhando o desconhecido até a porta de sua sala. — Parece que a chuva apertou de novo. Não prefere esperar que diminua outra vez?

O homem virou-se para Carter e as pérolas negras de seus olhos brilharam intensamente. Aquele olhar parecia ter avaliado cada um de seus gestos e expressões desde o momento em que entrou em seu gabinete, farejando cada cantinho e analisando pacientemente as suas palavras. Carter lamentou ter oferecido a hospitalidade do St. Patrick's.

Naquele exato momento, Carter desejava poucas coisas no mundo com a mesma intensidade com que queria perder aquele indivíduo de vista. Pouco importava se um furacão estava arrasando as ruas da cidade.

— A chuva logo vai parar, Mr. Carter — respondeu Jawahal. — De todo modo, muito obrigado.

Precisa como um relógio, Vendela estava esperando o fim da entrevista no corredor e escoltou o visitante até a saída. Da janela de seu gabinete, Carter contemplou aquela silhueta negra se afastando sob a chuva até vê-la desaparecer ao pé da colina por entre as vielas. Permaneceu ali, diante de sua janela, com o olhar fixo no Raj Bhawan, a sede do governo. Minutos depois, tal como Jawahal tinha previsto, a chuva parou.

Thomas Carter serviu outra xícara de chá, sentou em sua poltrona e ficou contemplando a cidade. Tinha sido criado num lugar semelhante àquele que dirigia agora, nas ruas de Liverpool. Entre os muros daquela instituição tinha aprendido três coisas que governariam o resto de sua vida: apreciar o valor das coisas materiais em sua justa medida, amar os clássicos e, em último lugar, mas não menos importante, reconhecer um mentiroso a uma milha de distância.

Saboreou o chá sem pressa e resolveu começar a comemorar seu quinquagésimo aniversário, visto que Calcutá ainda tinha surpresas reservadas para ele. Aproximou-se do armário envidraçado e tirou uma caixa de charutos que guardava para as ocasiões memoráveis. Com um longo fósforo, acendeu o valioso exemplar com toda a calma que o cerimonial exigia.

Em seguida, aproveitando a chama providencial do fósforo, tirou a carta de Aryami Bosé da gaveta da escrivaninha e tocou fogo. Enquanto o pergaminho se reduzia a cinzas numa pequena bandeja com as iniciais do St. Patrick's, Carter deleitava-se com o tabaco e, em homenagem a um de seus ídolos de juventude, Benjamin Franklin, resolveu que o novo inquilino do orfanato St. Patrick's cresceria com o nome de Ben e que ele pessoalmente faria tudo o que pudesse para que o menino encontrasse entre aquelas quatro paredes a família que o destino tinha lhe roubado.